

# CREPUSCULO

ORGAM LITTERARIO E NOTICIOSO

Propriedade de Sabbas Costa

ANNO II

ASSIGNATURAS:  
Por mez 500  
Pagamento adiantado

Publicação semanal  
STA. CATHARINA--Desterro, 24 de Setembro de 1888

Escriptorio da Redacção,  
á rua do Senado  
N. 17

N. 23

## COLLABORADORES

DD. Delminda Silveira, Revocata  
H. de Mello (Rio Grande), Ibrantina  
de Oliveira, Alice de Alencar (Montevidéo) e Ubaldina A. de Oliveira,  
Silvio Pellaco, Bernardino Varella,  
Dr. Méseder, Carlos de Faria,  
Pedro Goudel, Timotheo Maia, Ernesto Pires, Brigidio Peixoto e Sabbas Costa.

## CREPUSCULO

Desterro, 24 de Setembro

### OLAVO BILAC

(Conclusão)

Levado ainda pelo seu amôr pelas cousas do passado, a crueldade da filha de Anna Bolena e a dolorosa morte da desgraçada prisioneira de Lochleven dão motivo para Olavo burilar uns bellissimos versos. E assim nos descreve, os ultimos momentos da esposa do vil Darnley, ao sentir

#### A GUITARRA DE RIZZIO

Anna Bolena exulta. O pateo do Castello A soldadesca entulha e o rufo compassado Do tambor annuncia o fim do negregado Drama de atroz ciume. O rapido cutello

Vai de rubro tingir o collo eburneo e bello Da Stuart infeliz: entanto levantado O firme olhar ao céu, o aspecto resignado Quando o algoz se approxima, ella não (treme ao vel-o,

Não chora: mas sentindo a dura mão callosa Sobre a fronte pousar-lhe perpassa-lhe na mente Do passado remoto a quadra venturosa.

E doce como o som do derradeiro beijo A rainha da Escossia ouve distinctamente Da guitarra de Rizzio, o melodioso harpejo.

Camões, o grande bardo portuguez, o galante e enamorado amante de Nathercia, esse que tão bem sabia perfumar um madrigal e encher de ternuras e de amor, uma canção e fazel-a como um passaro volitar em douda revoada pelos salões dourados da orgulhosa e nobre corte luzita-

na, esse com certeza subscreveria as seguintes linhas do poeta brasileiro:

#### BELLA E PURA

Si te formou tão bella a natureza,  
Que aos olhos deu te o céu e a trança loura  
A côr, que em vindo o sol, o Oriente doura,  
Menos amôr não deu-te a singeleza!

Fôras tu menos pura e menos fóra  
De ser por mim amada essa belleza!  
Podesses ter ainda mais pureza  
Que assim fôras mais bella e seductora.

O manto azul que por os céus se estende  
Sempre é bello, porém mór formosura  
Possue quando sem nuvens; mais resplende,

Quando limpo o diamante; e se perdura  
O laço com que Amôr a ti me prende,  
E' porque se és formosa, inda és mais pura!

Nunca coração maguado pelas doces e venenosas settas do travesso menino pagão, do desinquieta e formoso deus, mostrou-se tão resignado a crueldade do objecto de suas dôres e de seus solusos, nem tão disposto a suportar o pezado jugo da branca e leve mão de uma mulher bella e tyrana como a do nosso bardo, quando para desabafar-se do que se lhe passa dentro d' alma, toma da lyra e por entre lagrymas,—nos diz:

Se Amôr me não tivesse prisionero,  
Talvez que como choro não chorasse...  
Talvez que mais contente apresentasse  
Mais alegre o semblante e prazenteiro.

Talvez que em vez de um gelido Janeiro  
Outubro no meu peito se anichasse,  
Talvez que ha muito tempo d'esta face  
Ausente fosse, o pranto derradeiro.

Mas prefiro levar a toda parte  
Comigo este pezar que consumindo  
Lentamente me vae por adorar-te.

Ha seducções n'este supplicio infindo:  
Antes andar chorando por amar-te,  
Que sem amar-te Amôr, andar sorrindo.

Com o titulo *Via Lactea*— Olavo Bilac tem uma delicada e esplendida collecção de sanetos, dedicada a intelligente e sympathica menina, que deve dentro em pouco dourar-lhe a existencia e compartilhar de suas maguas e de seus triumphos. Essa Musa viva de Olavo, é tambem uma distincta poetiza,— e saberá com certeza, suavisar

os desalentos, que possa ter o seu bardo e dar-lhe novo vigôr e inspiração. Nas mãos, d'essa gentil menina está actualmente todo o futuro do apreciado cantor da *Tentação de Xenocrates*. Senão, veja-se como elle lhe falla:

Deixa que o olhar do mundo emfim devasse  
Teu grande amôr que é teu maior segredo!  
Que terias perdido, se mais cedo  
Todo o affecto que sentes se mostrasse!

Basta de enganos! mostra-me sem medo  
Aos homens, affrontando-os face a face:  
Quero que os homens todos, quando eu passe,  
Invejosos apontam-me com o dedo.

Olha: não posso mais! ando tão cheio  
D'este amôr, que minh'alma se consome  
De te exaltar aos olhos do Universo...

Ouço em tudo teu nome, em tudo leio:  
E, fatigado de calar teu nome  
Quasi o revelo no final de um verso.

Os versos de Olavo Bilac andam em profusão espalhados pelas paginas dos jornaes. E tem sido nas columnas da «Gazeta de Noticias», da «Semana», do «Diario Mercantil» e da «Vida Semanaria», que o nome d'esse poeta mais vezes tem apparecido. D'elle ainda não possuímos nenhuma collecção de poesias em volume. E' que no Brazil escasseiam os editores. Infelizmente ainda não contamos com nenhum Lemerre, cuja ousadia fosse capaz como a d'este homem de arriscar alguns mil réis, imprimindo os versos dos nossos poetas no mais dos velinos e no mais nitido elzivir, afim de arresadar mais tarde, milhões.

Na vespera, porém, de nossa partida para esta cidade, Olavo communicou-nos, que vendera o seu livro a um editor de S. Paulo e que este o mandara a Lisboa para imprimir-se. Pelas contas do inspirado poeta brasileiro, esse livro devia chegar ao Rio e ser posto á venda em Julho proximo. E se assim é, breve tambem o teremos em nossas mãos. Que venha quanto antes, o delicado trabalho d'este apreciado escriptor. Todos os que prezam as letras devem ancian por isso e nós mais que ninguem, pois não só vemos e admiramos n'elle, um poeta de grande futuro como desejamos mais louros e mais gloria para um amigo querido e para um companheiro fiel e dedicado.

Que appareçam, meu Olavo, esses teus esplendidos e sonoros versos, e nós não seremos dos ultimos, apezar da distancia,

que nos separa para enviarmos-te o mais fresco e colorido ramilhete de flores!

ALBERTO CONRADO

Montevideo, Junho de 88.

### Camillo Castello Branco

Acaba de apparecer em Portugal mais um livro deste grande escriptor.

Intitula-se *Nostalgias* e traz o cunho da sua individualidade litteraria, forte, pujante, sempre notavel.

Têm as *Nostalgias* satyras destes tempos que não perdem em comparação com as de Nicoláo Tolentino, o poeta mendicante, que tinha de Horacio o mesmo talento, com a mesma dependencia cortezã.

Com Camillo Castello Branco, porém, o talento não é em verso nenhum attenuado pela fraqueza do caracter.

Nas *Nostalgias* o autor recorda-se do tempo que passou nas serras de Tras-os-Montes, e descreve em chistosas quadras a paizagem das aldeias.

Fala dos *abbades* gordos que por lá encontrou e das raparigas. Destas diz assim:

Não ha lá fórmãs tacanhas,  
Molles, delambidas, secias;  
O sol Jaquellas montanhas  
Morde as carnes e endurece-as.

Que desnalgadas! que esveltas!

Que pujantes naturezas!  
Na musculatura, celtas;  
Nos costumes, portuguezas.

« Bons costumes... que é sabido  
D'estranhos e naturaes  
Que este sólo ha produzido  
As 11.000... talvez mais.

Raparigas d'altos seios,  
Trigueiras e com suissas,  
Bamboam gracis tregeitos  
Com as ilhargas roliças.

Em seguida refere-se á moralidade do logar e exclama:

Que ditoso povo esse!  
Desde que o mundo se fez,  
Não sei que alguém lá fizesse  
Exame de portuguez.

Não ha cousa assim no mundo!  
A gente naquellas selvas  
Sente um desejo jocundo  
De pastar nas frescas relvas;

Ou de trepar aos carvalhos  
E, depois de os ramalhar,  
Cingir a cauda nos galhos  
E balouçar-se no ar.

Serra saudosa, eu te lego  
Estas trovas que compuz.  
Vêr-te? Não mais; estou cêgo  
E tu tão cheia de luz!...

O sol immenso que accende  
Milhões de mundos sem fim.  
De tantos raios que explende  
Não tem um só para mim.

Mas tu, sorriso, que provas?  
Que é bem mais doce o chorar?

### Pelo mar

AOS LITTERATOS SABBAS COSTA E TIMOTHEO MAIA

Venho de atravessar 6 1/2 horas de mar chicoteado pelo nordéste. Em tão pouco tempo afigura-se-me ter vivido mais, porque nos ares crystalinos, saudáveis do oceano, na athmosphera depurada das ondas, o meu organismo sente-se totalmente reanimado, o meu coração banha-se nos jrdões da Luz!

Como entra-me pelos póros d'alma o azulamento espumado e ondulante das vagas! Como derrama-se-me no cérebro a eloquencia mysteriosa dos vagalhões que estoiram, como metralhas collossaes, sobre a costa árida, abandonada, cheia de abrólhos!...

Ali, no meio do Atlantico, é que melhor synthetiso a força extraordinariamente hercúlea do pulso da Creação; ali, contemplo de mais perto a grandiosidade do Mysterio: Deus!

Oh! como eu invejo-te, mar; como me seria salutar, utilissima a vida das tuas aguas!

### II

Nós, porém, viajamos tambem em outros mares que, ao luar da Inspiração, vão espumando soluços radiantes nas interminas praias do Ideal!

E é n'esses mares de luz que vocês, meus queridos amigos, devem sempre viajar... em busca de um porto:— a Gloria!

CARLOS DE FARIA

Desterro, 18—9—81.

### O ENGATADO

Foi nesta hora do dia, em que a meiga e ridente aurora, cheia de galas, desdobrava no oriente o seu manto de luz, annunciado pelo trinar das aves, e o alegre e festivo cantar da passarada.

Tranquillamente passeiava eu, respirando o brando sopro da higienica aragem da bella madrugada, contem-

plando as careomidas habitações, que pelo aspecto que apresentavam, pareciam tambem entregues aos cuidados de Morpheu, no meio d'aquelle profundo e mortuario silencio, apenas interrompido pelo cantar dos gallos, que, annunciando a proxima chegada do dia, chamavam-nos ao trabalho.

De repente um grito agudo e penetrante attrahiu-me a atenção! Approximei-me e vi... oh! horror! ao limiar de uma porta, apenas envolta em um velho e esfarrapado manto, uma pobre creancinha, que, chorando, entreabria os pequeninos labios, o seu corpinho que mostrava ser alvo, tão alvo como neve, estava gelado pela frigida e mortifera aragem da noute!

Ergui-a, bati á porta e entreguei-a a uma caridosa velhinha, que de braços abertos recebeu em seu lar, o templo da caridade, aquelle thesouro de luz e innocencia, que o crime e a infamia haviam flagellado!

Oh! mães que tendes nos corações os instinctos das fêras, para que atirais ao desamparo estes pequeninos entes! Oh! deixai-os, deixai-os viver, porque quem sabe se este craneo que atira á rua, dando por leito as pedras á, escuridão da noute, será o pharol da geração moderna?! Oh! mães que commetteis este crime, ide correndo a atravessar as sentinas, por onde passastes e parar nos salões d'onde sahistes ostentando em cada sorriso o gesto de «virgindade», e escondi em cada gargalhada o segredo de um crime, á face de um «Romeu»; que o remorso, sentinella incansavel, o juiz de vossas torpes e ferreas consciencias, ha de roubar-vos a calma do disfarce, e arrancando-vos a mascara da hypocrisia aonde se esconde um crime, vos farrolar, fulminadas pelo raio da verdade aos profundos abysmos das sentinas!

Recordai-vos que este que acaba de atirar á lama da rua, algum dia quando, caçada pelas luctas, não pudesseis mais ganhar o ceutil para alimentarem-vos, elle, luctando corajosamente, expando o peito ás balas e as punhaes, diria:—és minha Mãe!

BRIGIDO PEIXOTO

Desterro, 88.

### NOIVADO

AO MEU IDOLATRADO AMIGO, O POETA  
CARLOS DE FARIA

Vai-se escondendo o sol. E' de tarde. O céu parece-me uma pagina consagrada e intima de phantasias primavas

ris. As florestas guarnecem-se de boninas odoríferas e as boninas guarnecem-se de côres vivas e correctas.

A natureza canta e a primavera, immersa na opulencia das cousas maravilhosas, offertava-nos um sorriso palpitante e profundo que arrebataria de admiração um coração ardente de poeta.

Grupam-se nos galhos dos laranjaes em flôr, uns passaros tão castos como a luz do arrebol, tão mimosos como o labio entre-aberto d'uma mulher virginea. São momentos estes que embriagam a gente, que prendem-nos, roubando a mais terna attenção!

São instantes que a lyra vibrante da poesia aproveita para d'elles compôr canções adoraveis e cheias de pureza...

Que tarde silenciosa!

E ella tão pura como o som da harpa e tão innocente como o coração da rôla entrava para o quarto, berço asseiado e perfumante, para começar a vestir-se...

O vestido encerrava um colorido divino, um colorido semelhante ao brilho da perola, e a luva que elevava-se até o cotovêlo era tão macia como a face ruborisada d'uma gentil creança.

A «basquine» de puro setim branco decotava-a e tornava-a tão formosa como a effigie, de fôrmas correctamente affaveis, d'uma ideal rainha...

— Assim, assim, ponha-me bem recto os cabellos, murmurou ella á madrinha.

Os «pesitos» eu via-os dentro de sapatinhos aformoseados de luxo: eu julgava vê-los dentro d'um tépido ninho, porque pareciam-me dois pombinhos mansos.

Elle, o noivo, prasenteiro, acabava de barbear-se quando disseram-lhe que a sua noiva esperava-o.

Depressa foi á casa, onde vestio um «croisé» e umas finas luvas.

Chegou enfim, enfim chegou a hora que elle tanto ambicionava com ancia: a hora do noivado.

Elle era um rapaz um tanto exquisito. Sua estatura correspondia com o corpo. A face sempre possuia uma côr vermelha...

Ella, entretanto, era um escriptorio de belleza.

Cortornavam-a uns cabellos loiros, e aformoseavam-n'a uns labios incitantes e deliciosos como se fossem morangos maduros.

Effectuou-se a nupcia...

Desde então uma vida doce como uma madresilva santa vieram a gozar aquelles dois jovens amantes: elle era o sol da existencia e ella a estrella do lar!

SABBAS COSTA

Desterro—20—Setembro—88.

A Poesia

(RÁPIDO)

A Poesia — nos tempos primitivos era a simples repercussão mythologica do Passado. Hoje, a Poesia é o kaleidoscópico invariavel da marcha evolutiva dos acontecimentos, o traslado fiel do equilibrio de todas as artes, de todas as sciencias, a photographia da alma do seculo!

CARLOS DE FARIA

Laguna, 12—9—88.

O BEIJO ENGAIOLADO

Creança apaixonara-se por outra creança. Muito soffria por causa deste amor. Não é que ella o não amasse, mas é que seus paes, de parte a parte, não queriam consentir no casamento.

Uma vez que elle a espreitava — era pouco antes da aurora, quando a alvorada hesita em nascer — elle a viu, tão loura e tão branca á janella.

Ella olhava o céu pallido da manhã; elle olhava para ella, alvorada tambem.

Encantada com a claridade nova, ella fez esta cousa ingenua e bonita — acreditamos que ninguem a via — enviou nas pontas dos seus roseos dedos, um beijo ao dia proximo; ao mesmo tempo, um passaro despertado atirava o seu grito aos céus, como se esse leve som fosse o canto do gesto que ella tinha feito.

O namorado viu o beijo, ouviu a voz, perseguiu o passaro, por entre as romarias do bosque.

E apanhou-o e levou-o para a casa.

Agora, é tambem feliz, que desde a manhã até a noitinha, sempre e sempre, elle ouve cantar na gaiola o beijo da sua bem amada.

CATULLE MENDÉS

PEROLAS DE OPHIR

SAUDADE

A MINHA IRMÃ IBRANTINA DE OLIVEIRA

Aqui, longe do meu torrão benedicto, afflicta, immersa em prantos de saudade, sinto o meu coração morrer de maguas, das rosas e do amor na doce idade.

Aqui, longe do meu torrão benedicto, quero soltar o meu saudoso canto, mas a voz em meu peito triste morre, afogada da dôr no amargo pranto.

Aqui, longe do meu torrão benedicto, vejo tristes passarem os meus dias, gemendo em contorsões de ancias de (morte) meu peito apunhalado de agonias...

Oh! minha terra, que saudades tenho dos adorados entes que deixei... das formosas cascatas do Suspiro, aonde tantas vezes já brinquei.

Triste, bem triste, n'este triste instante quero soltar o meu saudoso canto, mas a voz em meu peito triste morre afogada da dôr no amargo pranto

Quantas saudades o meu peito chora oh! minha terra, ao te lembrar formosa... (sa...) mas onde me levar a sorte ingrata hei de por ti chorar triste e saudosa.

UBALDINA A. DE OLIVEIRA

Desterro, 2 de Agosto de 1888.

De longe

A ANTONIO MATTOS E MANOEL PEDRO

Que noite, e que luar sublime e transparente lá fóra, e no meu peito escuridão pezada, porque a doce visão da minha vida, a amada de toda esta minh'alma está de mim auzente!

Sem ella, sem a luz das minhas esperanças, tudo que me rodeia é triste, tumular, não me redoiro o Ideal as ardentias mansas que a lua beija a rir por sobre o azul do mar!

Sem o virgem clarão do seu olhar divino, que brilha mais que o só, que fulge mais que os astros, meu pobre coração, tão só e sem destino, tactêa pela treva e vai assim de rastros

nos caminhos da Dôr, nos páramos da Mágoa como um martyr que vae coberto de punhaes, emquanto os olhos meus, sempre, arrazados d'agua vão cravados no chão, não flectam para atraz,

porque ella longe está do seu poeta agora, ella que é minha vida, o meu Ideal mais puro, e que ha de ser um dia a salutar auróra rasgando os céos que estão do lado do —Futuro!

Ah! flôr, estrella, ninho illuminado e santo  
dos meus sonhos d'amor felizes, loirejantes,  
vem com mãos virginaes, vem enxugar-me o pranto  
que sae de toda esta alma... em fios de diamantes!

Um beijo teu, um só, um beijo em minha bóca  
se m'o dèsses, anjo, a vir da bóca flórea,  
toda a gloria do mundo ainda seria pouca  
p'ra mim, que um beijo teu é muito mais que a Gloria!...

CARLOS DE FARIA

Laguna, 17—Setembro—88.

### VOLTA

Vamos: não vês? o nosso céo é flôres,  
já não existe a mancha do passado  
findou-se as mágoas, acabou-se as dôres,  
que me roubou teu coração amado.

Vamos: esquece esse viver d'outr'ora,  
sólta teu vôo para mim suave.  
que já segui a luz da nova auróra!

Olha—que eu tenho para ti, é certo,  
este meu peito ao teu amor abérto,  
como o infinito ao vôo de uma ave.

Vólta aos mens braços, que acharás abrigo,  
um peito santo, um coração amigo  
para te amar, para viver por ti

O' louro colibri:

Sabes que tudo deve ter um fim,  
no peito as máguas, no soffrer as dôres,  
na fonte as aguas, no jardim as flôres!

Vem ter commigo, vem vibrar as notas,  
estas notas ardente,  
de meus beijos ferventes  
lá pelo bósque nas desertas grutas:  
traz-me a metade de minh'alma triste,  
que ella, sem ti, coitada! não existe.

Vólta aos meus lares, vem viver commigo,  
que ja de ha muito eu por ti suspiro,  
como um irmão ou como um bom amigo.

Sólta o teu vôo para mim suave,  
que eu tenho sempre para ti, é certo,  
este meu peito ao teu amor abérto,  
como o infinito ao vôo de uma ave!...

TIMOTHEO MAIA

### Teu olhar

O terno olhar de Maria,  
E o opaco olhar de Jesus,  
—Falto um de alegria,  
E outro falto de luz...

São meras «patacuadas»,  
Sem brilho, sem esplendor...  
Porcamente fabricadas  
A' gosto do constructor...

Mas teu brilhante olhár  
Ninguém pode fabricar...  
Nem mesmo o descreve o Guerra!...

De teu olhar, Domitilla,  
E' lindo sol cá da terra  
— A clara luz que scintilla!...

RODOLPHO COUDEL

Desterro, 9—9—88.

### Canta

Anda, enxuga este pranto...  
Que tem que eu parta? Voltarei em breve  
Canta, para que eu guarde de teu canto  
A ultima nota, harmoniosa e leve.

Vês? Todo o espaço ondeia  
Como, á noite, um thuribulo dormente;  
Pallida, ao longe, vae a tua cheia  
Molhar nas ondas a cabeça algente.

Canta, melodiosa cotovia,  
Aquella casta e languida romança,  
Que, para ouvil-a, attentamente abria  
O olhar — o sonho, o calice—a esperanza.

Canta e enchendo-se os murmuros caminhos  
De tua voz, da luz do luar, da vaga  
Palpitação dos berços e dos ninhos  
Que pelo firmamento se propaga.

Baixo, na relva, irão acompanhando  
Todas as notas do teu instrumento,  
E pelos teus cabellos perpassando  
Como estrellas levadas pelo vento...

Flôr, os labios decerra  
E os olhos fecha—astro formoso e calmo—  
E enche o mar e enche a terra  
De um mysterioso e prolongado psalmo.

Eu, recolhido como um celebrante  
Na ultima prece que subir a Deus,  
Irei ao presbiterio rutilante  
Pedir perdão para os peccados meus.

LUIZ MURAT

## NOTICIARIO

### CARLOS DE FARIA

No dia 19 do corrente tivémos o intenso prazer de receber com os braços abertos o nosso queridissimo amigo e correspondente Sr. Carlos de Faria, que veio da Laguna afim de visitar a nossa modesta redacção.

O illustrado poeta dos «Metéoros» enviou-nos a poesia «De longe», que damos publicidade, poesia de amplo folego e digna de merecer a attenção dos leitores que sabem comprehender o que é um coração de poeta apaixonado.

O poeta foi esplendidamente alvo de uma recepção de apreço na casa d'esta redacção. A ella compareceram alguns dos nossos collaboradores, entre os quaes notava-se o eminente poeta Bernardino Varella, que discursou a respeito em diversas oportunidades.

O poeta está hospedado na redacção d'esta folha, aonde poderá ser procurado ás 3 horas da tarde.

Foram nomeados carteiros do correio d'esta capital, os Srs. Manoel Livramento, Taurino Rodrigues e Hermelino Siqueira, moços cujos predica-dos concorrem para que possam desempenhar esses elevados cargos com todo criterio.

Parabens.

### ALBUM DE PARABENS

Entrou na estrada florida das 24 primaveraes da vida a Exma. Sra. D. Maria Guilhermina Peixoto, dedicada filha do honestissimo cidadão Domingos G. da Silva Peixoto, acutual Inspector do Thesouro Provincial.

### DR. MÉSSEDER

O proprietario desta folha recebeu uma delicada e muito honrosa carta d'este illustre titterato e digno Engenheiro Fiscal da Estrada de Ferro D. Thereza Christina. As suas phrases honram em extremo a redacção do «Crepusculo».

Nós, agradecidos, saudamos o talento do Dr. Mésseder.

Partio no dia 16 do corrente para a Côte o illustre alferes Salles Brazil, á chamado particular.

Boa viagem.

### BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

A «Ordem», de Sobral, Ceará.

E' um jornal escripto com bastante illustração.

— O «Pombense», do Pomba, São Paulo, jornal semanalmente publicado e collaborado com saber.

— O «Vigilante», orgam que vê a luz da publicidade em Pilar, nas Alagôas. E' bem escripto,

— A «Gazeta de Campinas», diario de Campinas, S. Paulo, que tem como seu redactor-proprietario o illustradissimo poeta Carlos Ferreira.

— O «Artista», da cidade do Rio Grande, sempre importantissimo diario de que é proprietario o eminente jornalista Francklin Torres.

### DECLARAÇÕES

No soneto do Sr. B. Varella, onde lê-se «bondoso Anjo» lêa-se—bondoso Amigo,

— Nas BALLADAS de Timotheo Maia, onde lê-se «tens eu sei», lêa-se—tens ouro eu sei.